

Redacção e Administração
RUA DE SANTO ANTONIO, 165

Typographia de José da Silva Mendonça
92, Rua do Almada, 96
PORTO

Anno 1.º

O GAMPEÃO

N.º 2-15

SEMANARIO DE LITTERATURA, CRITICA E DE SPORT

DIRECTORES LITTERARIOS

BENTO IZIDRO
MARIO NEY
J. COSTA BASTO

EDITOR

ALBERTO GOMES COELHO

Campos Monteiro



suaíssima região de candidez, creada pela alma lucillante do poeta.

O ideal de bem-estar d'esta miseravel Humanidade, só o pôde encontrar aquelle desalentado viajeiro que o procura, no Alem, n'esse paiz sublime dos sonhos entrevisto n'uma illusão encantadora pelo poeta «menino e moço» despido das galantes roupagens do egoismo que elle esmaga, altivo como um Deus, com o peso formidavel da sua Justiça.

A Justiça d'un novo, resurgindo em sua esplendida grandeza, na alma tranquilla, serena d'un velho, seria a redemptora sublime, mais sublime que o Christo, d'esta humanidade sofredora, sepulta (quem sabe!) para sempre n'um valle nublado de lagrimas e de dôres.

Jehovah, o deus inexoravel das eternas vinganças, transfigurado no pessimismo redemptor de Jesus de Nazareth, resurgiu para os povos occidentaes no Deus «cruel e vingador» de Domingos de Gusmão. Um deus assim que é, como todos, creado á imagem e semelhança dos homens que o aceitam, indica-nos seguramente o quão atrazada está a evolução intellectual e, consequentemente moral dos povos que o querem.

Contra este phantasma de tantas gerações, revolta-se o poeta que é a alma luminosa.

Oiçam-n'o que elle nos diz qual o seu Deus, nosso Deus sublime de Justiça e de perdão:

E' de paz o meu Deus, um Deus todo perdão. O Auctor immortal de toda a criação, o Movimento em si, o augusto ordenador,

não o Deus que puniu os torpes sodomitas, mas o Deus que guiou, na sombra, os israelitas, e se transfigurou no cume do Thabor. Deus que vive na Alma, que nos agita e falla, beijou Christo na bocca da vil de Magdala, fallou a Santa Th'reza, e salvou Margarida, farol celeste e bom que vive e não se apaga, e que sorri na morte ao triste que naufraga, como a mim me sorri no naufragio da Vida! Paira por sobre o Mundo, ampara a creancinha mora dentro de nós, não habita nos céos! Faz germinar o trigo e faz florir a vinha...

Quem assim tem um Deus no sacrario augusto da consciencia não é um homem, será um santo.

—E o perfil? O perfil moral está n'esses versos que ahí ficam; o outro está no excellente trabalho de Manoel Monteiro, o bello moço cheio de talento e de caracter que, connosco, presta homenagem ao poeta do Arco-Iris.

MANOEL D'OLIVEIRA.

CAPTIVO

D'antes eu era livre e sem grillhão, hoje de vossos olhos sou captivo; e, posto que me mate esta prisão, n'ella morrendo, só por ella vivo.

Fugir tentei á doce tentação do vosso olhar impudico e lascivo, mas, fugindo, mais prendo o coração, e mais me enredo quanto mais me esquivo.

Minh'alma, assim, seguindo o que pretende, porque apague do amor a viva chamma, mais a chamma do amor n'ella se accende,

que o amor é cadinho que se inflamma, e, sem fundir o ferro que nos prende, ferro fundido dentro em nós derrama.

*

E assim, captivo n'um jardim de Armida, fraco e sem força n'este amor tão forte, eu nem sei se esta vida é como a morte, ou se a morte virá a dar-me vida.

Que mulher vira est'alma, e, condoída, lhe não dera um consolo que a conforte, senão vós, a quem quiz a dura sorte que a triste se prostrasse, assim rendida?

Correndo á solta na floresta hyrcana, a leão seria mais humana, se me visse a morrer de vida tal.

E vós, meu bem, que assim bem me olvidastes, todo o bem que eu possuía me roubastes, deixando-me a chorar todo o meu mal!

CAMPOS MONTEIRO.

Não é por certo tarefa facil a de em poucas palavras perfilisar um homem que se revella como poeta dulcissimo d'amor e ao mesmo tempo como estrenuo combatente da Liberdade e da Justiça, nas suas estrofes que ora nos embalam o espirito na suave embriaguez d'um sonho oriental, ora nos fazem despertar em hymnos de revolta o espirito descontente d'uma raça adormentada pelos philtros inda hoje mysteriosos d'uma educação jesuitica, beata e tóla.

Quem lêr o seu bello livro de menino e moço, o Arco-Iris, de sonhos e d'amores, n'estes tempos d'uma moral abjecta e depravada, sentir-se-ha bem n'aquella

CHRONICA

QUE delicioso outomno!
O ceu como que desatrocha
n'uma flôr immensa e luminosa,
esparçando toda a sua alegria n'estes es-
plendidos dias de sol com que um Deus
muito justo e muito clemente nos favo-
rece.

Até as estrellas no vago murmúrio da
noite, como pequeninos diamantes per-
didos na espessura d'um largo manto de
velludo, derretem fios de luz alvissima
como fios do linho celeste da tunica da
Virgem.

E nós adormecemos suavemente, len-
tamente, a marchar para o frio, para a
chuva, para o inverno emfim, sonhando
phantasias e levando as nossas illusões
até esses plainos de azul do firmamento
que nos acaricia n'um immenso sorriso
de infinita generosidade.

A amargura philosophica dos nossos
espiritos como que succumbe com a lim-
pidez d'este magnifico céu, em que bai-
lam estrellas por uma claridade meiga e
em que a luz d'um caridoso sol nos traz
esplendidos dias d'um ephemero verão
de S. Martinho, que chama as nossas
almas n'uma thurificação celeste á resi-
gnação calma da essencia e da paz.

E' esta a *étape* que nos prepara doce-
mente para a marcha forçada das longas
veladas d'um triste e doloroso inverno.

Deus que é muito justo e muito clem-
ente concede-nos então esta tregua e
favorece-nos com esplendidos dias de
sol e com noites luarentas de magnificas
estrellas, até ás auroras de violeta em
que cahe o crystallino orvalho do ou-
tomno.

Que delicioso outomno!

Como me entenece o dia d'hoje!

Que negra desgraça e que abysmo de
dôr dos que se embalam no soffrimento
de não poderem achar a luz que o ceu
de setim azul espargue sobre nós tão ca-
rinhosamente, tão suavemente!

Que dolorosa agonia e que tragica des-
crença a dos que caminham na aspera
esteira da vida aspirando o perfume en-
nebrante do trabalho sem a tranquillidade
e o conforto d'um modesto ninho
que lhes deixe sonhar as alegrias d'este
carinhoso sol!

E' por esses seres desventurados que
a minha alma se irradia de piedade e que
hoje entenece de alegria.

A caridade abrindo as suas asas bran-
ças, tão brancas como os fios de luar de
prata das lindas noites limpidas e ser-
enas, vae lançar a primeira pedra para
erguer dois monumentos que muita lagra-
grima e muita descrença vae abafar com
a brancura da sua clemencia — o Asylo
dos Cegos e o Bairro Operario.

A um a meza da Santa Casa da Mi-
sericordia concorrerá piedosamente com
o seu amor e a sua caridade. A outro
«O Commercio do Porto», na sua cru-
zada pelos infelizes, enchendo de doira-
dos brilhos de alegria os olhos embacia-
dos de tristeza pelos soffrimentos.

Que sympathicas festas com que se vão
apagar tantas dôres amargas e em que
se sente no intimo, bem no intimo, um
mysterio de alegria que nos fascina.

Como me entenece o dia d'hoje!

BENTO IZIDRO.

VERSOS ANTIGOS

Se eu fosse rei, senhor Omnipotente
Do mundo conhecido, a minha mente,
Um só desejo tinha:
Em o meu throno de oiro e diamante
Havias de sentar-te radiante...
Serias a rainha.

E se eu fosse um heroe que entre batalhas,
Expondo o peito ao fogo das metralhas,
Um nome conquistasse,
Minha espada de loiros guarneçada
Eu t'a daria a ti — pomba querida —
Depois, quando voltasse.

Ou se eu fôra poeta, e se um instante
A gloria que corou Camões e Dante
Coroasse os versos meus.
Em estrophes d'amor e de harmonia
Na mais sentida e ideal poesia
Cantava os olhos teus.

Se eu fosse, emfim, artista e se na tela
Tua imagem querida, pura e bella
Podesse retratar.
Não mais iria á egreja em devoção
Ante a imagem da minha redempção
Contricto ajoelhar.

Mas como n'este mundo malfadado
Nasci, e a vida minha eu hei passado
Immerso em pranto e dor
Para pagar o quanto tens soffrido
Virgem que adoro — ó anjo meu querido —
Só tenho o meu amor.

Porto, 99.

J. COSTA BASTO.

HORA MYSTICA

OSOL estalava rochas mais antigas que o
amor. Fugi dos homens e fui esconder-
me para pensar em ti, minha doce amada, á
sombra d'uns castanheiros já velhinhos. Alca-
tifavam o chão amantilhos abandonados e um
musgo aureo, myrrhado talvez pelos ardores
do sol de muitos estios.

N'uma fenda que separava duas fragas do
tempo de Jehovah, havia heras frescas como
morangos na beira dos correços, ao abrir
d'uma manhã de maio.

Idalina, minha doce amada, o lugar onde
repousava este corpo lasso, cerrado de mi-
lheiroas já desmaiadas, além por pinheiros
esguios cujas cristas pareciam chegar ás nu-
vens, e mais longe ainda pelas serranias des-
pidas e tristes do Marão.

Por entre os ramos d'uma carvalheira nua
via ao longe duas raparigas n'uma eira cu-
jos cantares, como toada solemne a evocar
saudades d'illusões já murchas, vinham ain-
da ferir-me o ouvido n'um tom diluido de
nocturno.

.....
Tomba da tarde a doce luz magoada
Ave-Marias — tudo agora reza.....
.....

(Mocidade Perdida. G. T.)

E alli estive n'aquelle torpor de somnam-
bulo até quasi o morrer do dia.

Pelos caminhos os bois d'olhos grandes
cheios de ternura dirigiam-se mansamente
aos curraes, guiados pelo boieiro, um garoto
de cabellos loiros e olhos vivos, cheio de tra-
quinar com os outros, descuidados e trigueiros
como elle.

Quando cheguei ao casal era á hora baça
do Angelus; e ao toque da sineta da ermida,
velhos e novos, em piedoso recolhimento,
chapeus na mão, elevavam uma prece á Vir-
gem, repassada de toda a crença das suas
almas ingenuas e simples.

M. DE CASTRO.

DESILLUSÕES

Eu tive em tempo tantas bem-amadas,
Qual d'ellas mais galante e mais formosa,
Que contál-as não sei, mas relembral-as
Seria tarefa ardua e caprichosa.

Tempo, tempo de noites estrelladas,
Lyra, lyra, que foste já ditosa,
Um e outra esqueci minha balladas
Tão filhas só d'esta alma generosa!

Que dias, mezes. annos consumidos,
Tão mal aproveitados, mal perdidos,
Com tantas affeições e sem nenhuma!

Amor, que tredamente nos encantas,
Mais me valéra a mim que, em vez de tantas,
Mais firmeza encontrasse e só fosse uma!

Novembro de 99.

GIL MORENO.

A Condessinha

No seu *boudoir* azul e oiro, em uma *chai-
se-longue* recostada, Margarida, a joven
condessinha, vencida pelo delirio do walsar,
via ainda, semi-vestida, passar ante ella to-
dos os olhares que horas antes lhe haviam
deitado, no baile onde estivera, os innume-
ros mancebos que a amavam.

E assim recordava todos os galanteios,
todas as phrases apaixonadas, todos os ditos,
todos os cumprimentos com que a haviam
saudado desde o creado até ao imperturba-
vel duque.

E nos seus labios perfumados brincava um
sorrisinho — tão bello, tão encantador!..

Por fim, tendo talvez feita a sua escolha,
levantou-se e desprendendo as tranças d'oiro
que lhe cahiram revoltas nos hombros se-
mi-nus, toda enlevo, toda pensar, dirigiu-se
sorrindo para o leito a esconder-se no meio
das roupagens tão perfumadas, tão alvas e
tão brancas como a setinosa cutis do seu
corpo.

E d'ahi a instantes, apoz a sua prece do
costume, fechando docemente os olhos n'um
quebranto tentador, toda indifferença, toda
neve, balbuciava a sorrir a condessinha:

Que doidos, que doidos são os hemens!..

Porto, 99.

J. COSTA BASTO.

Soneto

N'aquella habitação toda pobreza
Sem conforto, sem luz, sem ar, sem alimento
Um crucifixo novo, uma belleza,
Pendia sobre um leito de tormento.

«Eu vou morrer de frio e de fraqueza»
Segredou uma voz já sem alento.
E então a pobre velha—dôr e tristeza—
Chorava sobre o filho macilento.

Depois, procurando vagamente
Um recurso qualquer, n'esta afflicção
Murmurou entre alegre e descontente:

«Tu filho inda não morres, não.
Desde que nada vale o ser tão crente
Vou trocar este Christo por um pão!

N. R. Um nosso amigo que andou du-
rante as férias a oxygenar bem os
seus pulmões em terras transmon-
tanas, recolheu lá este soneto d'um
poeta a quem, por infelicidade, não
sabe o nome, e que nós, pela sua
concepção muito apreciavel, não res-
sistimos á tentação de aqui o es-
tampar.

MEMORIAS D'UM DOIDO

N'UM dos povoados rusticos, dos que avultam na Beira Baixa, vivia um modesto rapaz, de um pequeno peculio que lhe advinha de lições particulares que dava aos moços da terra.

Intelligente, correcto na expressão e nos gestos, de phisionomia agradável, tinha um todo característico natural em todas as pessoas gradas que ruem, mas cuja distincção a miseria não consegue apagar.

Não era natural d'aquellas redondezas e d'elle só se sabia que tinha alli apparecido e se tornára ben-quisto em breve trecho.

Tinha vinte e um annos se tanto, e chamavam-lhe o snr. Alvaro.

Quiz a sua má estrella que aos seus olhos se lhe deparasse o formoso rosto de Anninhas, a filha do negociante mais abastado d'aquelles arredores, e é certo que Anninhas se enfeitou pelo bizarro mancebo. Amores da aldeia, que se communicam com a rapidez da corrente electrica e que com a mesma velocidade se dissipam.

Azãdo o ensejo, Alvaro fez solemne confissão do seu amor á sua muito amada, que a joven acatou confusa, pouco habituada a taes lances, rematando o dialogo por o aconselhar a que a pedisse ao pae, no que ella consentiria.

—Oh! obrigado! dissera-lhe elle.

Começam agora as luctas dos preconceitos no espirito do desilludido moço. Vamos encontrá-lo, por noite adeantada, solitario e meditando, sentado sobre um pequeno muro de pedras, o olhar fixo n'uma presa d'agua que o luar esmalta, murmurando de ora em ora palavras inintelligiveis.

E' a realidade que lhe falla ao pensamento e que lhe diz:

—Vamos! Ainda te atreves a pedir-a? Quem és tu? Um mestre-eschola. Que possues? A miseria. E um mestre-eschola está na razão directa da miseria, como a miseria está na razão inversa da riqueza.

E ella? Rica, formosa... E o pae? Consentiria? Julgas que não ha-de triumphar o egoismo? O ouro chama o ouro.

—Irei!—disse consigo Alvaro, levantando-se sacudidamente e tomando a direcção do seu pequeno albergue.

E logo murmurou: «Se ella fosse pobre!...»

Era um domingo. Alvaro tinha fallado a um seu amigo, muito das relações do pae de Anninhas, para que fosse intermediario perante este, na sua ambicionada pretensão.

O amigo serviu-o, e a resposta que lhe trouxe do pretenso sogro, foi de que este teria que consultar a vontade de Anninhas e apurar as mais amplas informações acerca do ancioso noivo.

E Alvaro rejubilou, confiado no amor de Anninhas e senhor da sua consciencia de homem honesto, embora pobre.

Mas a ingrata faltou á promessa desejada e manifestou ao pae novas aspirações e com ellas um novo eleito do seu coração.

Um dia Alvaro viu a perfida de braço da-

do com o marido e fugiu desorientado, semi-louco, deixando atraz de si a maldição sobre aquella familia.

São passados dez annos.

Desprezível, esfarrapado e louco, mostrando um riso alvar aos transeuntes, riso que inspira ao mesmo tempo dó e desprezo, anda um homem de cabellos brancos, crescida a barba agrisalhada, ora pedindo, ora ameaçando com punhos cerrados o povoado, até cabir no costumado riso.

A' noite, vai pernoitar no descampado cemiterio; e quando vê um coval aberto, lança-se n'elle até o virem surprehender os primeiros raios da alvorada.

Amores em tudo isto!

Ha um cavalleiro que altas horas segura as redeas do cavallo á aldraba de um pequeno alpendre affastado do cemiterio, atravessa este com passo seguro e seguindo sempre ávante vai achar-se nas trazeiras de um rustico casarão de aspecto abastado.

Ouve-se um silvo significativo de um signal, e logo um vulto branco apparece a uma janella, agitando um lenço. O cavalleiro faz o mesmo e mostram que se reconhecem.

A lua pallida da meia noite convida aos doces amores e os murmurios plangentes e apaixonados de duas bocas que se beijam e que se aspiram o halito mutuamente perdem-se com os bafejos suavissimos da briza...

Amores, amores...

De repente, uma voz de mulher, anciosamente:

—Poje; foge, meu querido, que me perdes!

E o cavalleiro deitou a correr. Coseu-se com o muro de uma parede cuja sombra o guardava de ser visto e escoaando-se por ella pôde conseguir transpôr o cemiterio, correndo ancioso, desordenadamente.

Ao chegar onde estavam abertos uns covaes resvalou e cahiu, indo já a raivar desesperadamente, quando emudeceu de todo ao ouvir um grito terrivel de dentro do coval onde tinha cahido!

Perdido de terror quiz fugir primeiro, depois apertou o cabo do seu punhal brandindo-o loucamente: por ultimo, o punhal encontrou um peito em que se buir de sangue e uma voz repercutida no espaço bradou: — «Obrigado!»

O cavalleiro pôde fugir desvairado d'aquelle logar terrivel, que lhe pareceu o inferno abrindo-se para o tragar.

Já despontaram os primeiros raios de sol da manhã e lá vai o cavalleiro demandando o sinistro cemiterio como se um remorso de sangue o chame alli. Já no cemiterio contempla o pobre louco, o Alvaro, o noivo da Anninhas perjura, a sua victima, e em vão tenta dizer:

—Infeliz!

Tinha emudecido.

Novembro 99.

MOREY.

Horas d'agonia

Soffrer, chorar, morrer,—eis em resumo Descripta a Vida humana, tenue fumo Que o vento leva, impelle, em teu marchar. Viver! viver—que é?

E' este mar De immenso padecer. Soffrer profundo Innato a quem a mãe lançou ao mundo; Cadeia atroz; cada élo é um soffrimento Que é mister arrastar sem um lamento. P'ra alguns seres o seu peso é compensado Por venturosos raios—sol doirado— Que vem por vezes em restes divinas Seccar lagrimas puras, corystallinas, Arrancadas aos menos croyastosos. Para outros, só dias tenebrosos Tristes como a dôr, longos como o olhar; Jámais veio a ventura perpassar Um só momento p'ra calcinada fronte Que erguida a procura alem, no horizonte.

Cobarde, chamaes vós ao que, caçado Fita um olhar sanguineo, desvairado, Na arma que ao peito aperta com fervor Como a mãe aperta o filho—o seu amor— Temendo que lh'o roube mão alheia!

Ah! E' que a mão da Morte que semeia, Serenamente o veneno seu, fatal. Fazendo-o cahir, rindo, por igual Na corôa d'um rei, no trapo d'um mendigo Para este premio, p'ra aquelle castigo, Compraz-se em fugir do triste abandonado Que lhe pede o remedio bençoado.

E' que elle vê, oh dôr, que o seu futuro E' o seguir do seu viver escuro... Conta as dôres pelas horas decourridas Minutos, pelas lagrimas vertidas; E os minutos das horas que soaram, Essas horas dos annos que passaram Se p'ra muitos momentos de prazer P'ra elle foram seculos de soffrer!...

Acurvado então ao peso do destino Não vê o céu azul e crystallino Para, armado de crenga valorosa Retemp'rar a alma em preece ferrosa. Vê só o chão que piza e ahi procura O seu leito final a—sepultura.

Porto.

RUY SERENO (ART. ALVÃO).

Uma pagina de Bernardim

(Ao meu tio Adriano M. Pires).

NATAL! como esta palavra recorda em mim todo um passado de saudade!

Lembro-me bem de quando vi Albertina com aquellos olhos cheios de uma macieza inédita e os seus lábios lindos onde errava um sorriso triste.

Amiudadas vezes, depois d'esse dia, ia-me deitar na margem do pequenino ribeiro, que passava chorando saudades, para pensar naquelle primeiro sorriso com que ella me encheu de esperança, d'uma esperança doce e suave. Como me não esquece aquelle outro dia triste de Natal em que soube que Albertina amava alguém que não era eu!...

E nesse dia chorei com saudades das passadas illusões e as minhas lagrimas fugiam por sobre as soluçosas águas do meu pequenino ribeiro e de longe pareciam dizer-me adeus.

E assim encerrava-me no meu quarto que olhava aldeia em fóra, e era nesse cemiterio que eu passava os dias chorando, emquanto a aldeia linda na sua pequenez me sorria sob o esmorecer dos crepusculos.

Mais um anno... e quando, uma outra vez, se festejava o nascimento de Jesus — a meiga creança — chorava junto d'uma mulher que, lividamente, estava estendida num

caixão branco como as nevasdas rósas; ao pé da mulher que tanto amára.

Mais uma vez a quiz vêr.

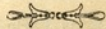
O seu rosto estava mais pallido do que a macerada luz, e quando a terra cahia sobre o fragil esquite, perguntava eu ás lindas estrellas porque é que o meu amôr a deixára morrer!

Os meus Nataes d'agóra não têm o encanto suave que d'elles tanto irradiam; a minha alma amortalhada em luares, continúa chorando a bem amada.

E no desmaiar d'uma tarde pallida hei-de segredar ás dóces philomelas as minhas saudades, que são como os últimos accórdes d'uma lyra sentimental que se vae quebrar, para á noite, quando a lua fór alta e o luar cahir em longas lágrimas, lhe irem dizer que ainda a espero para os suaves espon-saes d'um amôr espirital!...

1-11-1899.

AMADEU PIRES.



A UNS ANNOS

Manhã d'Abril serena, sorridente.
A aurora despontou meiga, elemento,

Espalhando na terra a doce luz
Que os anjos banha e que vestiu Jesus.

Como um manto d'estrellas fulgurantes
Coava o sol seus raios scintillantes,

Subtil beijando as mansas avesitas
Que nas balsas trinavam ás campitas.

Nos viveiros, em trios, brandamente
Ouviam-se n'um canticó dolente

Balladas d'amor, que os passarinhos
Levantavam saudosos de seus ninhos.

Prenuncio feliz d'um bello dia!
A natureza inteira resurgia

Ante esse aspecto lindo de manhã!
E a minha pobre alma, a minha irmã,

Mergulhada na só melancholia
Sentiu brotar-lhe a íntima alegria

Que acalentou jámais a minha mente
De prazér's e venturas tão descrente.

—Vestiu o sol a tunica dourada;
E brandamente a briza perfumada

As pétalas de flor's desabrochando,
Ia de mensageira aos ceus levando,

Aos anjos mui fiel repercutindo,
Os cantos que da terra iam subindo.

Semelhante ao vagido de criança
Banhava o mar, sereno e em bonança,

A areia que na praia se estendia
Como a juntar-se á magica harmonia

Que a natureza em côro triumphal
N'essa aurora ridente, sem rival,

Quiz entoar melódica, celeste!
Foi então .. foi então que tu nasceste!...

JOSÉ LOPES VIEIRA.



NOITE DE INVERNO

ELLA dormia muito descançada, apertar da ventania que fazia, que atordoava os ouvidos, fazia estremecer as vidraças e bater as portas, zunindo pelo corredor fóra.

Eu é que não podia dormir, e não dormia, porque pensava desesperado em todas as suas mentiras e traições.

Levantei-me. Fui direito á minha amante, e, aproveitando-me do seu somno, arranquei-lhe o coração — esse coração que tantas e tantas vezes me trahira — e fui deital-o dentro de uma taça de porcellana da China, muito leve e transparente, que estava em cima do fogão.

Depois, arranquei do cerebro da minha amante o pensamento que tanta vez fugira de mim — e fui deital-o n'uma taça do Japão, tão delicada e leve que bastaria o respirar d'um passarinho para a entornar.

Após, fui procurar nos seus labios, nas mãos, nos braços, as caricias mentirosas com que me attrahira e fui esconder tudo isso n'uma jarra da Bohemia, tão fragil que bastaria o contacto d'um dedo de creança para a quebrar.

Em seguida fui abrir a janella de par em par; o vento entrou furioso pelo quarto dentro, despedaçando, quebrando, fazendo rumor e arrastando no seu redemoinho as duas taças e a jarra, com tudo que eu lhe tinha metido dentro.

E eu ria, ria, não me podendo ter de contente. Acabava-se o meu desespero, porque a minha amante já não podia ser hypocrita e infiel.

Pouco depois, via-a accordar, abrir os olhos, e esse olhar — que eu me esquecera de destruir — era tão puro, tão puro, tão insinuante, foi-me tão direito á alma, que eu saltei pela janella e corri atrás das gélidas rajadas, para que me tornassem a dar o seu coração enganador, o seu pensamento, os seus beijos e as suas caricias!

CATULLE MENDÉS.



COMTEMPLATIVA

Vinham na praia suspirar cançadas
Uma a uma as vagas que ha trez dias
Andavam em dementes correrias
Impellidas pelo sopro das nortadas.

Descia sobre a terra meigamente
Da rainha da noite o manto bello,
Já se via no ceo o sete-estrello
A tremer e a brilhar resplendente.

E na areia fitando o grande mar,
Tendo no peito um intimo pesar
E n'Alma uma amargura funda e cára

Uma pobre mulher esperava anciosa
Ver apparecer a véla donairosa
Do batel que o filhito lhe levára.

Porto—90.

JULIO RUIVO.

SCENA BURGUEZA

(AO MEU QUERIDO AMIGO ADRIANO DE MENEZES)

Depois, repentinamente, voltou uma d'estas risadas que fazem eriçar os cabellos, tão ritos, soturnas e dolorosas são ellas.

Eurico.—ALEXANDRE HERCULANO.

I

AQUILLO era paixão, o que sentiam um pelo outro, a Antonia e o José. Nem elles a sabiam exprimir. Os que escrevem e fallam bem, também não sabem.

Sempre que se encontravam, diziam-se: «Antonia!» «José!» e ficavam-se, mãos dadas,

olhos fixos, labios quentes, o coração com systole e diastole mais successivas e agitadas.

Mas o José era pobre e o pae de sua querida, — o regedor da freguezia, chamou-o um dia para dizer-lhe: (!)

— Porque não báis tu té ós Brazis, rapazote! Bem hês: voncês nada tendes, que habeis de rilhar! Olhar um p'r'ó outro, isso não bônda: é perciso que haja de haber um naco de brôa, umas coubes, uma sardinha p'ra comer. Quêres qu'a cachopa seja uma desenliz?

E um dia o José desahafou com a Antonia, «qu'era necessario partir...».

Elia prrompteu em gestos, lagrimas, pedidos, tendo-o agarrado a si, nervosamente, como uma furia.

— Mas tu não báis, então não? Olha, Zé, semos probes, mas temos braços p'r'ó trabalho. Toda a gente dará-nos que faser, e o nosso estamago andarà farto. Tu verás...

Elle soffria. Soluçava como um bambino, e era musculoso como um gigante, emfim, era um homem. Sim, é que a dôr tanto abala organismos fracos como os de musculatura rigida...

E' perciso, Antonha, é perciso...

— Valha-me o Senhor dos Afflictos! mas báis-me por lá ficar... Ah! que se eu te pedo, dou em doida!

E o José, n'um estoicismo a toda a prova, fugindo com a cara ao halito ardente d'ella prometteu-lhe que voltaria, são como um péro, rico que eu sei lá; ao mesmo tempo lembrava-lhe que resásse por elle á Senhora da Saude a quem, á vinda, havia de offerecer uma duzia de vélas da sua altura e um andôr doirado.

...Resvalava pe'lo azul incommensural do céu, como recatada virgem sob lindissimo doce estrellejado, a pallida da lua, com ares formosos e tristemente scismadôres.

Não longe do cemiterio, a Antonia e o José, soluçantes, em dôr, estavam abraçados, ter-ríveis de desespero, bellos de angustia. Depois, um esforço; a seguir, o adeus; passados segundos, dois lenços brancos como o luar a adejarem e de cada vez a affastarem-se mais e mais, manso e manso, como dois destinos unidos que vão cada um para seu lado.

II

O José escrevia de lá, regularmente. Estava bem, ganhava muito. A saude era esplendida, a febre amarella não queria nada com-sigo.

Antonia chorava de alegria ao receber aquellas noticias. E já se via ao lado d'elle, entãdo já seu esposo, feliz e contente, toda garrida nos dias de festa, quando o sino badalejasse alegremente. Ajoelhariam, todos os domingos que Deus deitasse ao mundo, deante do altar da Senhora da Saude, — a receberem o brilho tremulo das velas que o José tinha dado á sancta; e já ouvia os assistentes a fallarem da promessa d'elle e das resas d'ella. Tambem, no dia de noivado, havia de haver festança rija, com missa cantada, foguetorio, Zé Pereira, dan-as, dobrar festivo de sino; e Antonia, de vestido novo, de brincos e alfinete de ouro, pelo braço do seu querido, assistiria com ares de rainha, com bater de palmas de pes-ôa rica...

Isto é mais aquillo que vinha na missiva de longe era caso para fazel-a nadar n'um sonho, interminavel, sem realidade proxima. A saudade, essa ainda durava, e duraria; porém, a esperança do futuro soberbo, não longinquo, absorvia a, inundava a como uma grande nuvem rosada, caída do alto.

Inesperadamente, carta que dava o José

1 Observe-se que a linguagem que segue é puramente do povo beirão.

adentado, veio explodir-lhe no coração como echo de morte.

E deixou de comer, toda cuidados, toda aflicções. Abstracta, frequentemente succedia ficar no monte até noite cerrada, sem se importar com o gado que, ao lusco fusco, recolhia, balindo docemente, ao redil. A's vezes, iam-n'a lá encontrar, a apertar d'encontro ao peito a photographia d'ambos, de quando pequeninos.

Um mez, dois mezes, vá; mas passar meio-ano e não chegar nada no correio, isso é que era demais; e a rapariga adoceceu.

E da cama foi para o cemiterio, na tumba de todos, pois que pertencia á igreja; ia pallida, e levava o sorrir melancólico de quem acabou com a alma a apreciar um sonho largamente apreciado.

A' beira da cova, ajelharam todos a rezar. Um grito, unisono, que exprimia a pena de toda a aldeia, subiu, cortante, gelado.

O coveiro passava a corda pelo corpo da defuncta para a descer, e todas as mãos, tremulas, apanhavam terra...

De repente, um homem abre caminho. Quem, o desvairado?

Era o José, o namorado de Antonia, chegado mesmo agora, todo aceiado, uma sacca na mão!

Debruça se para a morta, toma-a como se fosse uma simples penna, fixa-a, pede-lhe que falle.

—Que te dizia eu? Antonha. Ouves? imos ser felizes... Vá! beija-me, se ainda sou o teu Zé!

Depois, põe-na no chão, e olha; e ao ver as cordas unidas ao corpo d'ella, a cova aberta, a gente a soluçar, o coveiro com a enxada na mão, solta uma tremenda gargalhada, pavorosa, sinistra.

O desgraçado tinha endoidecido!

ARTHUR DORIA.

A ALGUEM

«Vejo Deos, Senhora, ao vêr-vos; mas se ha prazer em fitar-vos, deixar-me agora dizer-vos que me furto muito a olhar-vos, temendo comprometter-vos.

Vossos olhos, desfilta'os ninguem pôde; que só vel'os, dá logo gana de amal'os... e, ou vós trataes d'escondel'os, ou penso então em roubal-os.

D'esses olhos, permittí —roube-os ou não, muito embora— que bem alto eu diga aqui, que olhos tão bellos, Senhora, no mundo eguaes nunca vi!»

MOREIRA LOPES.

ROBERTO

N'AQUELLA manhã, mui cedo ainda, já se avistava o Roberto n'um rochedo da praia postado, frente á povoação.

Aguardava em ancia, a flôr almejada na vespera, acalentada á tepidez do seio da sua amada.

Scismava em milhares de beijos que lhe daria, em relicarios d'ouro para acoutal-a!

Divagando assim, nem dera fé da rapariguita bruna, a seu lado chegada.

Ella vendo-o alheio, chamou—snr. Roberto!...

Como elle a fitasse, estendendo-lhe na mão a um pacote de involucro côr de rosa, a pequerrucha acrescentou:

—Que mandava aquillo a senhora.

Soffrego, desembrolhou e, n'uma decepção, deparou no lugar da ambicionada e querida flôr, aquecida na onda calcinada dos seios d'ella, as cartas que lhe mandára.

N'um tremor, um frio a invadi-o, dando á mocita o masso de missivas:

—Que lh'as levasse... Que eram d'ella, da senhora, aquellas cousas...

Depois, tomando uma nova esperança, traçou rapidas linhas n'um naco de papel.

Era a exorar-lhe uma falla unica, extrema.

Partiu a portadora e na albeta lhe foi Roberto.

Quando se deparou sob o caramanchão, que rasgava para a estrada, avultava já na moldura verde negra, bordada a eburneas flores, a esbelta estatura da senhora de seu peito.

Encetaram colloquio, e breve lhe puzeram termo.

Mau grado supplicas, preces de joelhos em terra e lagrimas nos olhos, a diva, impassivel, confessava-se impotente para amar...

—Mais tarde... talvez a encontrasse disposta...

E o moço sentiu então desabar, fazerem-se ruinas, as ideaes chimeras da sua mente, apagaram-se no horizonte de sua alma os astros vivos da Crença.

.....e.....
Na praia, desde então, ninguem avistou mais sombra do Roberto.

* * *

Na pequenina aldeia, o Moinho Branco, era o mais celebrado e preferido.

Porque a maquia era minguada e o moleiro o mais bem afeiçoado moço das redondezas.

Um tanto tristonho, certo, mas coração d'ouro, como não havia.

Até o snr. Vigario, era um amigalhaço d'elle, tratava-o nem que fosse da familia!

Pelas festas rijas engalanavam as mimosas flôres, que vicejavam nos canteiros do Moinho Branco, o altar da Senhora do Rosario.

Flôres como nunca se haviam avistado, ora rubras tal qual papoilas dos prados, ora tão de neve, que o manto rico da Senhora não o era mais.

Muito boa pessoa era o moleiro!—carinhosamente commentava, ao relembrar tudo isto a gente do logar,

Ninguem sabia d'onde viera, lá isso não! Mas iam corridos dois annos e nem a mais pequenina cousa havia que dizer.

E enfeitava a terra, a meio da encosta a casinha branca do moinho!

Entre este louvaminhar, corria elle, diurnamente, a povoação com o seu ar concentrado e a fronte acurvada ao seio.

Quem o espiou, porém, paredes a dentro do seu ninho, deparal-o-hia bastas vezes, scismando, cabeça entre mãos.

No seu viver intimo só o cultivo das roseiras dos alegretes em roda da habitação dispostos, o distrahia um tanto.

Um dia, porém, o carteiro, aldrabou a vez primeira no seu albergue.

Desde então desannuiu-se mais o sombrio do seu aspecto.

Deslison mesmo o sorrir leve em seus labios, ao noticiar-lhe alguma existencia d'uma nova moleirinha toda linda, ha pouco abordando ali, de longe.

Uma occasião em que, macho á arreata,

conduzia a farinha aos casaes cruzara-se no caminho com ella.

Enrubrescera a feiteira, embevecera-se elle, fitando-a.

Deslizaram dias assim, e sempre buscando maré de avistarem-se, andavam os dous enfarinados pela mó do moinho.

* * *

Era dia de Paschoa. Ia azafama de grande festarola na residencia do snr. Vigario.

Offertava n'esse dia banquete aos mais grados da freguezia.

E bella pinga que tinha o snr. Vigario!...

E finda a missa cantada da egreja, a mais a tirada do foliar, com os seus convivas, o bom do padre, assentou-se á larga meza bem provida.

Esfuante de finos ditos decorreu a refeição.

E ao termo, o snr. Vigario, mandou descer o oratorio; e, sem que alguém atinasse com razão de identicos preparos, tomou da alva sobrepeliz a mais da estola. E disse singelamente n'uma predica:

«E' minha missão unir os que se amam, alegrar as almas e prover aos corpos quando fôr mister e conforme minhas forças...

«Ha aqui n'este recinto, n'um disfarce gentil, dous moços arrastados pelo destino um para o outro.

«Ambos são meus recommendados d'um velho amigo.

«Eu os vou unir pois, porque os seus corações o querem, mas os seus labios se envergonham de o confessar».

Chamado d'entre os convivas o garboso moleiro do Moinho Branco a mais a moleirinha, ha pouco arribada ali, lhes atou as mãos e os casou...

E o triste Roberto, alanceado de dôres na sua vida de moleiro, renascia para o mundo, ao carinho d'aquelle amor de mulher, de novo e para sempre conquistado.

Só o Moinho Branco, desde então, não mais espadanou as clares aguas, atirando para o céu claro a sua cantilena alacre.

Porto, 12—11—99

MARIO NEY.

UM SONHO

Eu tive um sonho lindo, um sonho côr de rosa
Todo feito d'amor. A imagem vaporosa
Que nelle refulgiu com brilho diamantino
Foi a luz da minh'alma, a luz do meu destino.

.....
Era um palacio enorme com torres de granito
Erguendo-se, altaneiras, em meio do infinito.
Tinha um jardim immenso um lago namorado
Com cysnes, a sorrir, de vestes de noivado.
Lá dentro nos salões d'aquella habitação
Havia o quer que fosse de grande agitação.
Cá fóra, no jardim, a musica das aves
Lançava pelo azul os canticos suaves.
E eu, que passejava em labyrintho assim,
Ficando extasiado no centro do jardim,
Pensei:

N'esta morada, palacio de fadas,
Ha thesoiros sem preço e joias estimadas,
Bouquets illuminados no brilho d'um sorriso
Que a madrugada envia a este paraíso,
Suspiros da manhã, caricias de luar...
Mil coisas diff'rentes se podem offertar!
E eu, que tenho um anjo a quem adoro immenso,
Não lhe posso mostrar o meu amor intenso
Porque sou infeliz, tão pobre como as flores
Que dão a propria vida aos fructos—seus amores.

Então, lá muito ao longe, no meio da alamêda,
Surgiu uma mulher coberta d'ouro e seda
Que vinha para mim com passos apressados,
Mostrando meigo amor nos olhos namorados.
E já perto de mim fitou-me com doçura
E assim me perguntou:

—Que queres, creatura?!...
Tu queres os adejos da minha phantasia
Ou queres muito ouro e muita pedraria?

Ou quando pelo espaço o hymno das espheras
Obriga a meditar nas coisas mais austeras
E anda, lá por cima, a doída, a branca lua,
Vertendo sobre nós, risonha, toda nua,
Sorrisos prateados e beijos seductores
Que vêm adormecer as pequeninas flôres,
Tu queres, infeliz, que eu te leve então
A ver essa riqueza em meio d'amplidão?... —
E eu disse;

— Linda fada, risonha divindade
Que offereces os thesouros de toda a immensidade,
Eu sinto dentro d'alma um fogo abrasador
Que me queima a rasão. Um grande e doído amor
Por mulher formosa, mulher a mais divina,
Que é, no fundo d'alma, talvez, uma assassina
Tão fria como a neve e negra como a treva
Mas que, apesar d'isso, me seduz, me enleva!

Quizera deslumbrá-la com joias rutilantes:
Amethistas, rubis, topasios e diamantes.
Ou então poder dar-lhe, em taças crystallinas,
Os filtros da minh'alma, — as lavas purpurinas
Que brotam do meu peito estrepitosamente,
Sem ninguem pôr um dique ao fogo da torrente...
Daria a minha alma, daria a minha vida,
Fortuna, se a tivesse, a essa mulher qu'rida,
Aspirações de gloria, a propria consciencia,
Tombando assim, perdido, nas trevas da demencia,
Para poder beber, n'um beijo, n'um olhar,
A ventura que anheio n'um doce dormir!...
Mas essa provocante rainha de belleza
E' orgulhosa e fria e ri-se da pobreza!

— Creança! — Diz a fada, num pranto d'amargura
— Deixa a embusteira vil, a baixa creatura,
Apaga essa chimera, renega essa donzella.
Poeta, busca a gloria! Tu vales mais do que ella!...

E n'isto despertei. Senti na minha alcôva
Uns passos que fugiam. E uma aurora nova
Raiou depois ao vir a louca madrugada.
Esqueci-te de todo. Agora amo a fada
E a ti, mulher prosaica, sarcastica, terrena,
Que tinhas nos teus olhos o fogo que envenena,
Odeio-te! Amo a gloria. Adoro a poesia,
— A meiga divindade que tanto me sorria! —

Porto, 8 de Novembro de 99 LUIZ MARIA PEREIRA.

ARTES E LETTRAS

A PESTE

DE JOAQUIM LEITÃO

Quando ha annos tivemos occasião de ler o «Thréno da Miséria», que não sei porque, talvez pelas verdades n'elle expostas, não logrou o agrado do publico, advinhamos logo em Joaquim Leitão uma envergadura d'aço capaz de fazer mais tarde recuar ante ella os mais audazes, ou pelo menos, fazer que a temessem.

E na verdade não nos enganamos. Apoz outras publicações em que firmou a sua pena de escriptor distincto, Joaquin Leitão, apparecer-nos hoje no seu folheto *A Peste* tal qual o haviamos outr'ora idealizado.

Difícilmente encontraríamos entre os novos quem com mais talento, mais distincção e mais verdade escalpellasse tão bem os homens e os factos que dia a dia se vão dando.

E' que, Joaquim Leitão, com uma fina observação, com um profundo critério, desvenda as coisas, chamando-as pelos seus nomes, divide-as, analisa-as e mostra-nos emfim todo o lodo que encerram, com um desassombro, com uma altivez, que a nós, novos como elle, nos enthusiasma e arrebatava.

E' que Joaquim Leitão conserva ainda limpida a sua alma de moço e portanto falla, como elle proprio diz, *por um espirito de Justiça, supremo guia da obra da sua mocidade inflexível e sincera.*

A Joaquim Leitão, o illustre auctor de *A Peste* nós, do nosso obscuro canto enviamos as nossas saudações.

THEATROS

Theatro D. Affonso

Está marcada para quarta feira 15 a abertura d'este theatro com uma excellente companhia lyrica de que é empresario o sr. Nubiola.

Theatro Carlos Alberto

Fez-se hontem a *reprise* da popularissima peça de Pierre Decourcelle vertida em portuguez pelos snrs. Moura Cabral e Maximiliano de Azevedo «A Galderia».

Esta peça tem um desempenho muito razoavel, não se fartando o publico que corre aquella casa de espectaculos de a applaudir, pois é uma das peças que faz as suas delicias, o que se prova com a enchente que teve hontem.

Hoje ha dois espectaculos e para amanhã está marcado um beneficio com a mesma peça.

*

No sabbado é a festa n'este theatro do secretario da empresa, com o applaudido approposito «Janotas e catitas» do nosso amigo Ferraz Brandão, á peça de Marcellino de Mesquita «Peraltas e Secias», estreitando-se n'esta peça o popularissimo actor Oliveira.

Este approposito de Ferraz Brandão mereceu largos applausos tanto n'este theatro como no theatro da Avenida em Lisboa.

Sarah Bernhardt

Os jornaes de Lisboa referem-se enco-miasticamente á distincta actriz que está representando no theatro D. Amelia as peças a que já nos referimos no nosso numero anterior e cujo desempenho é um primor d'arte.

Angela Pinto

O empresario Taveira, que está funcionando com a sua companhia no theatro da Trindade em Lisboa, suspendeu esta conhecida actriz até 30 de maio, substituindo-a já nos seus papeis, pelo motivo de padecimentos physicos e moraes de que esta applaudida actriz está soffrendo.

A resolução tomada pelo empresario Taveira despertou bastante sensação.

HUMORISMOS

O PEDANTE

Arqueados os braços gentilmente,
Como as azas d'uma amphora chinesa,
Nariz desafiando a Natureza
Que taes brutos creou com ar de gente;

N'um *punho* bem brunido e reluzente
Encaixado o pescoço com destreza,
Esticado o espinhaço, a perna teza
Tal um vulto por mim passou bem rente.

Imaginal um typo assim janota:
Calçai-lhe agora o pé em fina bota,
Dae-lhe aos labios um riso horripilante:

O vêde agora! — Um asno, não parece?
Pois p'ra ser como os outros só carece
Andar co'as mãos no chão. — Tal é o pedante.

MOURA E CASTRO.

FOLHETIM

(14)

GEORGES DE PEYREBRUNE

Uma Separação

PRIMEIRA PARTE

III

O sol ia alto e os trabalhadores que lavravam para semear o milho, começavam a largar o arado, enquanto os bois, de cabeça pendida para a terra, resfolegavam, os corpos fumegantes, as ventas molhadas de escuma.

Approximava-se a hora da sesta.

Pedro Baldy fustigava a egua, sacudindo-lhe o freio, preocupando-se á idéa de chegar tarde. Trepou a encosta que costeava a estrada real, orlada de relva, e que seguia atravez dos campos de trigo e das campinas que fluctuavam, agitas pela viração matinal, tão floridas de rainuculos amarelos, que dir-se-hia que se haviam desdobrado em cima da herva grandes toalhas de panno gomado.

O medico tomou por uma azinhaga aberta nas ervas, e veio pelo atalho passar á beira de uma enorme quinta, rodeada de muros e emboscada na sombra de carvalhos gigantes, vigorosos, luxuriantes, levantando acima da vegetação da quinta um ramalhete de arvôres collosaes.

— Bom dia, Rosa, disse de repente Pedro Baldy, levantando a cabeça para uma trapeira, á janella da qual assomara a cabeça esfurada de uma rapariga que se penteava. Ella afastou as madeixas pretas e curvou-se, sem lhe importar que a camisa de panno cru lhe escorregasse do pescoço e lhe desnudasse os hombros.

— Ah! é o senhor? disse, rindo, mostrando os dentes largos e cravando os olhos pequenos e negros, mas provocantes, ousados e maliciosos nos olhos perturbados do medico. Baldy voltou em voz baixa:

— Podes descer?

— Logo que acabar... .

— Avia-te, os homens não tardam para almoçar.

— E então?

— Quero fallar-te; desce.

Rosa levantou os braços e torceu os cabellos asperos e compridos em duas fartas tranças, que enrolou á roda da cabeça.

Em seguida, desceu; trajava uma saia curta, as pernas nuas, os braços nus até o hombro, a cintura redonda e o peito adolescente modelado pelo panno que o cingia, como um linho molhado, collado a uma estatura.

O doutor deixara a egua enterrada até o pescoço na herva reluzente e entrou na quinta, na occasião em que Rosa saltava nos bicos dos pés muito brancos os ultimos degraus da escada. Baldy agarrou-a e beijou o seu largo riso, em quanto Rosa se abandonava aos phreneticos abraços do medico. De subito, a rapariga fugiu-lhe, crivando-o de muros e gritando que a sua gente não se demorava, e que se a comida não estivesse prompta, tinha de vêr uma bruxa com o pae. E mostrando-se atarefada, correndo de um lado para o outro, Rosa mantinha o seu adorador a respeitavel distancia. Mas não perdia o ensejo de provocalo com olhares, sorrisos e gestos de uma *coquetterie* voluptuosa e ingenua, sarcoteando-se e fazendo brilhar ante os olhares de Pedro Baldy a alvura das finas pernas e dos pés descalços, de calcanhares rosados.

(Continua.)

Notas de sport

Activam-se as obras no velodromo Maria Amelia, propriedade do Real Vêlo Club do Porto.

Consta-nos que com umas corridas internacionais se realizará, ainda no proximo mez, a inauguração.

*

Realisam-se hoje no velodromo do jardim Zoologico, em Lisboa, varias corridas de bicycletas para o que se acham inscriptos muitos corredores

Os premios constam de medalhas de *vermeil* e de prata.

Consta haver um desafio de resistencia entre quatro conhecidos cyclistas.

*

Tomaselli, o verdadeiro campeão do mundo em 1889, pois que ganhou em Paris as duas provas mais importantes do anno, acaba de juntar á sua lista de tropheus o floirão que mais ambicionava—o campeonato de Italia.

Esta prova, na distancia de 1000 metros, ganhou-a elle em 1^m.59^s. contra Bixio e Monno, respectivamente segundo e terceiro.

*

A scena seguinte, referida pelo *Gaulois*, passa-se em Africa, proximo de Uganda.

Um inglez, M. Buxton e sua filha passeiam em bicycleta. Já longe da cidade viram de subito, á distancia de uns cem metros, um soberbo leão, que no meio do caminho parecia aguardar a sua passagem.

Que fazer? Voltar para traz? Mas a fera podia perseguil-os e alcançal-os!

N'esta conjunctura pae e filha tiveram instinctivamente a mesma ideia luminosa: pedalaram energeticamente, fazendo ao mesmo tempo vibrar de continuo o som estridulo das suas buzinas.

O leão, vendo-os, e ouvindo um ruído tão desagradavel como aterrador, deixou-se vencer pelo medo e tratou de fugir, dando saltos formidaveis e internando-se na floresta.

Eis ahí uma historia que merece ser lançada em activo á bicycleta... mas não ao leão, nem tão pouco ao inventor da patranha.

*

Preparando-se para a guerra com os inglezes, os boers estão tratando em Bulmayer um corpo cyclista, destinado a entrar em campanha.

Como se sabe, na Africa austral, não ha estradas como nos paizes da Europa, os caminhos são de transitio difficil, mas em compensação ha por lá homens que reconhecem as vantagens que podem tirar da bicycleta em tempo de guerra, e estão dispostos a aproveitá-las.

*

O Campeonato de França, de fundo, reservado aos amadores da União Velocipedica de França, e corrido no mez ultimo na distancia de 100 kil., no classico percurso Montgeron-Melna, Ozoir, foi ganho por E. Simon, em 2 h. 40 m., 20 s. e 1/5. O 2.º foi Labarde em 2 h. 50 m. e 2 s.

Ambos estes corredores bateram o record feito por Dubois em 1897 em 2 h. 50 m. e 19. s

HORAS DE SOCEGO

Charadas novissimas

Que bom licor tem o homem na India!—2, 1
Que sentimento tão leal ha n'aquella cidade!—2,2

Rovi.

Charada em verso

Meu caro amigo Romeu
Segue sempre, não descances.—2.
Pode a luz que vem do ceu
Envolver-te em novos lances.

E tu agora precisas
Para tratar-te melhor
Não de luz, mas d'essas brisas
Que bafejam certa flôr.

Zelia.

Enygma typographicó

TA LINA

Heln.

Pergunta enygmatica

Diz-me leitor com destreza
Já que tens tanto talento,
Qual a terra portugueza
Que tambem é instrumento?

A. Tins-mar.

Logogripho por letras

Gasta-se constantemente,
N'uma capella em funeção,—1, 5, 7, 2
O dinheiro d'um parente
Que tem foros de pimpão,—4, 6, 8
E' tolo, pois bem podia
Em refeição moderada
Fazer mais economia
E poupar tanta massada, 1, 5, 6, 8
Era assim que procedia
A mulher que estimava—3, 6, 4, 2
—Quando está cheia provida
E' por muitos desejada
Causa esta e bem cabida
De andar sempre guardada.

Joamel.

Decifrações do numero anterior

Das charadas novissimas — 1.ª Regalo,
2.ª Cedofeita.

Da charada em verso—Falua.

Do enygma typographicó—Bisnaga.

Do logogripho por letras—Candeiro.

Relação dos decifradores:

Ettoel, Mimi, Kloiro, Emyaj, Teidila, Joamel,
Heln, Vaspilinto, Flavio e Luar.

Carteira

Foi nomeado secretario geral do governo civil de Portalegre o ex.^{mo} sr. dr. Possidonio M. Laranja Coelho.

Os nossos parabens.

*

Passou hontem o anniversario natalicio do nosso amigo, distincto alumno da Escola Medica, sr. Alberto dos Santos Monteiro.

*

Encontra-se em Coimbra a frequentar a faculdade de medicina o nosso amigo sr. Accacio Augusto Pereira da Costa.

*

Encontra-se n'esta cidade em goso de licença o distincto official da armada e nosso amigo, o sr. Jayme Pinto d'Almeida Brandão.

*

Vindo da Ilha do Principe, Africa Occidental, encontra-se no Porto, em tratamento, o nosso amigo e distincto agronomo sr. Alfredo Arroyo.

LUTUOSA

Succumbiu na passada terça-feira, aos estragos d'uma lesão cardiaca, o ex.^{mo} sr. Henrique José Leite, pae do nosso querido amigo Fernando Leite, a quem enviamos os nossos sentimentos de condolencia.

Publicações recebidas

Instantaneas

Occupam-se de Artes e Lettras a revista semanal hespanhola, com o titulo que encerra esta referencia.

Bellamente escripta e artisticamente illustrada a photo-gravura, se patenteia esta publicação madrilena.

Os nossos agradecimentos pela visita com que nos honrou.

O Tiro Civil

Visitou-nos esta publicação quinzenal devotada a arte cygnetica e que é orgão do *sport* nacional.

Apresenta um interessantissimo artigo acerca da guerra anglo-transvaliana subscripto por o nome auctorizado de Fernandes Costa.

Na sua pagina central insere a affigie do sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto, vice-presidente do Real Club Naval de Lisboa.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Recebemos o relatorio do Conselho gerente d'esta associação.

Evidencia nos a sua leitura o amplo progredimento de tão patriótica agremiação.

Enumera nas primeiras paginas os serviços colhidos de varias personalidades evidentes e amosra-nos o proposito firme, de caminhar sempre avante.

O CAMPEÃO

Redacção e Administração—R. Santo Antonio, 165—PORTO

Condições da assignatura

(Pagamento adiantado)

Trimestre	300 reis
Semestre	600 >
Anno	1200 >

Cobrança pelo correio mais 80 reis

Avulso 30 reis

ANNUNCIOS

Contracto especial

TYPOGRAPHIA A VAPOR
DE
JOSÉ DA SILVA MENDONÇA

Rua do Almada, 96

PORTO

Praça de D. Pedro, 95

N'esta typographia imprimem-se com rapida e esmerada perfeição e nitidez: Jornaes, livros, mappas, relatorios, facturas, recibos, cartas, bilhetes de visita, participações de casamento, rotulos para pharmacia, etc., etc., para o que dispõe de material o mais moderno. Preços modicos.

(CASA FUNDADA EM 1882)



BICYCLETAS
GLADIATOR

as unicas que offerecem garantia aos cyclistas pela solidez de construcção, leveza de andamento, elegancia de quadros e, finalmente, pelo seu modico preço.

TRICYCLOS COM O MOTOR A PETROLEO

ASTER-GLADIATOR

os que melhor resultado teem dado nas estradas portuguezas.

Encontram-se á venda em casa do seu agente

Silvestre Dias Teixeira

153, RUA DO SÁ DA BANDEIRA, 157

E NA SUA CASA FILIAL

RUA DE CEDOFEITOS, 84

(Esquina da Travessa de Cedofeitos)

PORTO

Onde tambem se vendem e alugam bicycletas

Onde se encontra excellentemente montada uma officina de reparação.

BICYCLETA

Vende-se uma em bom estado.

Trata-se n'esta redacção das 7 e meia ás 9 horas da noite.

Ourivesarias, Joalherias e Relojoarias

DE

M. MARTINS MARQUES SUCC. RES

123, RUA DE SANTA CATHARINA, 131—PORTO

O sortimento é muito variado, havendo objectos muito lindos, proprios para presentes.

Casa de plena confiança.—Preços fixos.

Commercio Geral de Velocipedes

Unico deposito ao Norte de Portugal das celebres bicycletas

CLÉMENT

E OUTRAS AFAMADAS MARCAS, PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Agencia de MOTOCYCLES e AUTOMOVEIS

DOS PRINCIPAES CONSTRUCTORES FRANCEZES

João Garrido

CASA FUNDADA EM 1891

Completo sortido de accessorios VESTUARIOS CYCLISTAS

Excellent officina de reparações pessoal habilitadissimo.

MACHINAS francezas, inglezas, allemãs e americanas

PREÇOS EXCEPCIONAES

Rua de Passos Manoel, 16, 18 e 20

PORTO

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

DE

PIMENTEL & QUEIROZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 127—PORTO

Sortido completo em velludos, sedas pretas, damascos e sedas para guarda-soes.

Grande variedade em guarda-soes para homem e senhora. Preços convidativos.